


AO DOMINGO

A sondagem que coloca a coligação à frente do PS causou-lhe surpresa?



**Clara
Almeida Santos**
Vice-reitora
da Universidade
de Coimbra

“ A recente lição britânica e o popular adágio segundo o qual ‘as sondagens valem o que valem’ balizam necessariamente a surpresa relativa aos números agora divulgados. Há dois números nesta sondagem bem mais interessantes do que o ponto percentual que separa o PS da coligação: os parcos 25% de intenções de voto nos partidos fora do ‘arco da governação’ e os 26% de indecisos que, no momento da verdade, é que vão decidir. Mais certo do que as sondagens é o facto de este verão, que agora começa e já tão quente, ir aquecer ainda mais”.



**Elisa
Ferreira**
Eurodeputada
do PS

“ Acho que há altos e baixos nas perceções dos eleitores e fiquei de algum modo surpreendida, porque acho estranho que os cidadãos tenham dúvidas em mudar de agenda. Perdeu-se muito investimento em inovação, tecnologia e modernização das empresas e perdeu-se, acima de tudo, os nossos jovens mais qualificados que emigraram. Perdeu-se riqueza nacional em montantes muito significativos, voltámos atrás no tempo. Com a Grécia tão violentamente na agenda, haverá uma sensação de que o conhecido dá uma segurança que, a meu ver, no momento da verdade, quando as pessoas são confrontadas com uma verdadeira escolha, percebem que é uma falsa segurança, sem solução de futuro. Estas sondagens são mais um reflexo da sensação de insegurança que a Europa neste momento está a dar e uma opção quase epidémica. Mas não acredito que os cidadãos portugueses desistam de futuro para eles e para os filhos. Acho que é uma sondagem esporádica e conjuntural”.



**Sebastião
Feyo de Azevedo**
Reitor
da Universidade
do Porto

“ Eu não dou relevância a sondagens deste género, porque me parecem sempre pouco fiáveis. Independentemente disso, penso que se vê a olho nu que os portugueses mostram algum desencanto face à mensagem do PS. Parece-me que os problemas nacionais para resolver o dilema ‘défice público - desenvolvimento’ não têm recebido propostas claras e credíveis da Oposição. A conjuntura internacional, nomeadamente o problema da Grécia, vai influenciar a decisão de muitos eleitores. O horizonte de governação estável, apoiada por uma maioria absoluta, é neste momento uma miragem”.